Acervo ISA

NOVELA POLICIAL

Dez anos para o velho Ramiro, que paga pela chacina dos índios.

Preso há seis anos na cadeia pública de Cuiabá, cardíaco e quase louco, ele é o único que vai pagar pela morte dos cinta-larga, assassinados por uma expedição de seringueiros, num dia qualquer de 1963. Por Marcos Faerman, enviado especial.

Dez anos de condenação. Quase um ano por índio morto. Porque o processo da Chacina do Paralelo 11, próximo do rio Aripuanã, não é claro. Se, às vezes, sete índios aparecem mortos, em suas 600 páginas, em outras são oito, ou nove, ou dez. E aí o velho Ramiro Costa estaria cumprindo um ano de pena por cada índio assassinado num dia qualquer de 1963, em Mato Grosso.

José Duarte do Prado, o advogado de defesa, vai dizer aos sete jurados que talvez eles estejam condenando um cadáver. Na hora da decisão, às quatro da tarde de ontem, ninguém sabia no Tribunal de Cuiabá, se o réu estava vivo ou morto. Pela uma da tarde, Ramiro não agüentou: sentiu-se mal do coração e foi levado para o Hospital Geral da Cidade. Sua barba é grande e quase branca. Ramiro Costa nasceu em 1901 e está há seis anos na cadeia pública de Cuiabá, um retângulo sujo de celas e terra, onde só os muito fortes não enlouquecem. Há pelo menos três casos de pessoas inteiramente loucas vivendo nesta cadeia.

O velho Ramiro caminha em cima da linha que separa a razão da loucura. Muitas vezes disse coisas que negou meia hora depois. Algumas vezes falou o que não queria falar porque apanhou. Diz para quem quiser ouvir que nas primeiras vezes em que foi ouvido a respeito dos índios levou choque dos policiais. Mas numa coisa foi coerente nestes anos todos: em acusar os donos da firma Arruda e Junqueira como responsáveis pela morte dos índios cinta-larga. "Umas vinte pessoas viram o Junqueira no avião que atirou munição para nós", dirá o velho Ramiro, depois de saber que tinha pegado dez anos de cadeia. "Mas por que o Junqueira não está aqui?"

Ramiro Costa nunca foi nada na vida. Era apenas um desses seringueiros que passam a vida enterrados no mato e que gastam numa semana, com bebidas e mulheres, o que ganharam em onze meses. Quando o dinheiro termina, ainda **embriagados, eles são jogados** num caminhão, pelos capatazes das firmas donas dos seringais, e levados para o mato. Ramiro nunca foi nada na vida, mas teve a honra de ser acusado por um senador da República.

O senador Eurico Resende, num elegante terno cinza, levanta seu dedo de líder do governo e diz que "Ramiro Costa deve ser condenado, não só em nome do crime que praticou, mas da Honra da Nação que deve ser lavada. "A Chacina do Paralelo 11" — dirá — foi explorada pela imprensa européia. Franceses, alemães e suíços, principalmente suíços, disseram que o Brasil era o responsável por aquele crime". E ele, o senador da Arena, do partido do governo, estava ali convidado pela Funai para trabalhar na acusação de Ramiro Costa. Os estrangeiros precisavam saber que o Brasil não era responsável pelo massacre. "Na condição de patriota, quero demonstrar que, ao contrário do que diz a imprensa estrangeira, o governo brasileiro está interessado na punição exemplar dos responsáveis pela matança".

O chefe dos homens que estavam atravessando o matagal era o Chico Luís. Um degenerado — falará alguém no processo —, capaz de tomar a mulher dos outros e de matar por um nada. Ele lidera um grupo de sete homens; quase todos morreram de doença ou "maldição" — como se fala entre os seringueiros. Alguns fugiram pela selva e, se aparecem em páginas confusas do processo, não aparecem na realidade. O velho Ramiro pagará pelo crime de todos."Isto é direito?

Na mata, atrás de Chico Luís, vão Ramiro, Ataíde Pereira dos Santos e outros personagens obscuros: Manoel Jocelino, Rodrigues. O último morrerá pouco depois do massacre. Manoel sumira pelo sertão Fala-se que vive oculto em algum lugar da Amazônia, Jocelino é boliviano. Dizem que vive numa aldeia da Bolívia, e que não pode ouvir falar em Mato Grosso sem fazer cara de medo. Cospe para o lado e muda de asunto. Ataíde Pereira dos Santos disparou seu mosquetão contra os índios e morreu três anos depois em Cuiabá, com câncer na garganta. Bebia e chorava pelos índios que matou. Dizia que os fantasmas dos índios o perseguiam nas noites. Fracassou até como vendedor de sorvetes.

Neste crime sem cadáveres, pouco se sabe das vítimas. Morreram tão anônimas como viveram . São apenas índios cinta-larga faceiros como todos os índios. Usam em torno da barriga uma casca de árvore de quase dois palmos. Uma pequena placa de madeira é pendurada do lado inferior. E mais os colares feitos com dentes é pendurado do lado inferior. E mais os colares feitos com dentes de macacos. "São índios cercados", diz o padre Antônio Iasi Junior, secretário geral do Conselho Indigenista Missionário que também assiste ao julgamento de Ramiro. Ao norte, avança a companhia colonizadora gaúcha. Ao Sul, expande-se Cuiabá. A Leste estão as fazendas paulistas A Oeste, as águas de um grande rio. Há pouco, a prefeitura de Aripuana, região do massacre, colocou a venda uma grande área cinta-larga contra a vontade da Funai.

O diretor do Museu Rondon, da Universidade Federal do Mato Grosso, João Vieira, irá ao julgamento e distribuirá aos jornalistas um documento em que diz que "o centro do problema está na avaliação". Avaliação, não de um indivíduo, mas de uma frente pioneira irracional e predatória, que penetra hoje nas regiões ainda, selvagens do território nacional e que, com suas normas marginais de comportamento, com seus códigos brutais de convivência aceita e normaliza a violência como solução de conflitos de interesse. A fome e o crime se implantam com mais vigor do que as estradas lamacentas, que isolam, durante toda a estação das chuvas, as comunidades frágeis, que se protegem sob tetos mais frágeis do que os das casas indígenas."

A trama que levou ao massacre começou em outubro de 1963, no barracão da firma Arruda e Junqueira, que dirá que o massacre não existiu, e será acusada por Ramiro Costa, no tribunal, como mandante do crime. Numa atividade que é normal na vida daqueles homens uma expedição sairá do barracão para o matagal, por ordens do encarregado-geral — Francisco Amorim Brito — temido em toda a região, segundo a acusação e a defesa, cruel com os índios e mais cruel ainda com os seringueiros que o matarão em novembro do mesmo ano, após uma revolta armada. O pretexto da expedição era a busca da borracha, da poaia (planta medicinal) e de minérios. Numa manhã, dez dias no mato, Chico Luís, chefe da expedição, o homem da metralhadora, o rei, aquele que tinha a bússola na mão, falou:

"Que poaia, que nada, nós vamos é pegar índio".

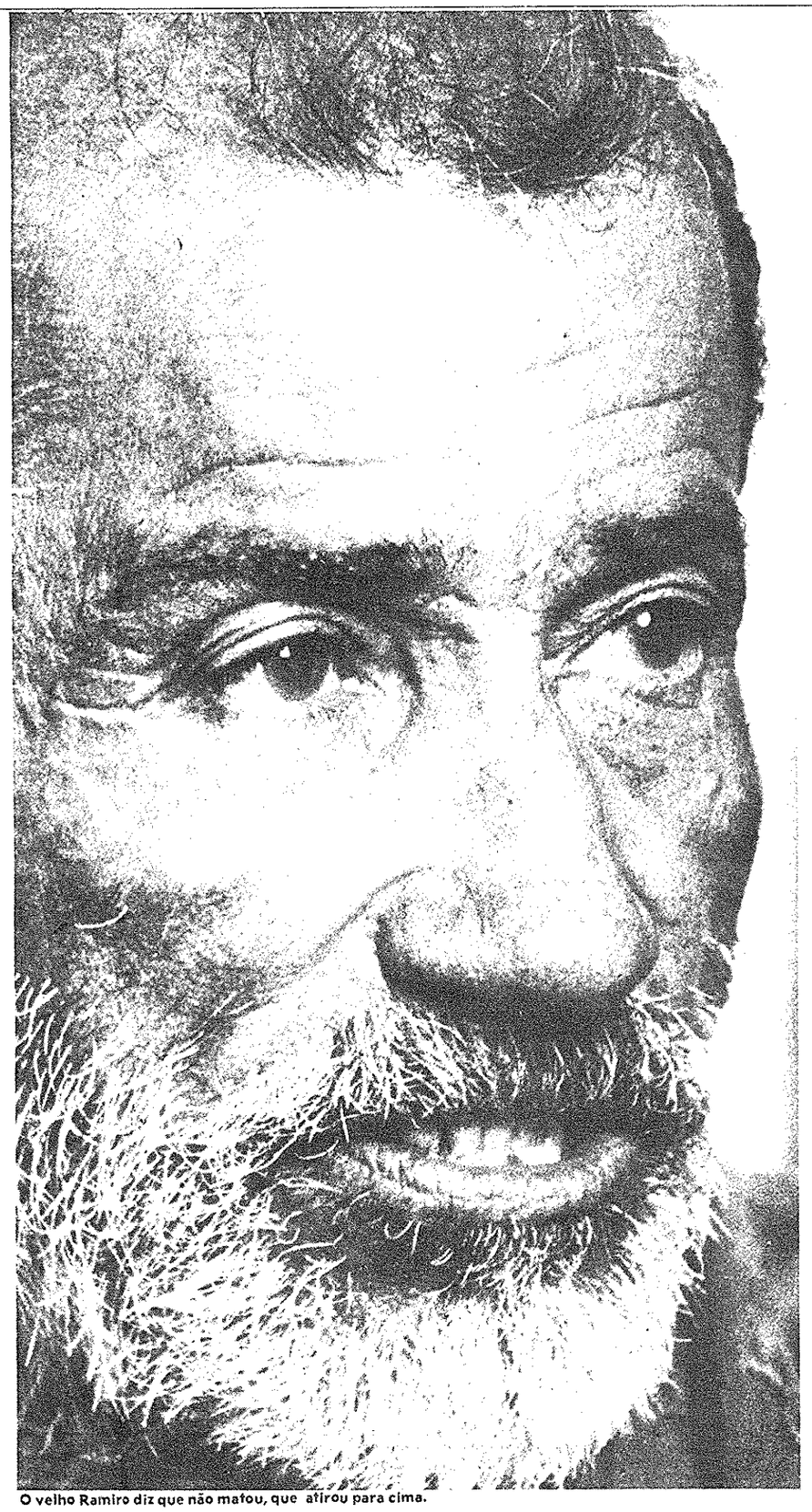
Quem ia dizer não, se o homem tinha a metralhadora e a bússola? Quem ia dizer não, se o homem era o chefe? O advogado de Ramiro diz que foi assim: quem não obedecesse Chico Luís morria. Mas o senador Eurico Resende disse que Ramiro não tinha cometido o crime sob coação. Como coação, se eram cinco homens contra um só. Quem matou, matou porque quis. Os cinco podiam muito bem ter dado um jeito no Chico Luís, não ter caminhado no mato, não ter caminhado para o massacre.

O certo é que — querendo ou não — o grupo seguiu em frente. Ficaram os homens uns dias numa tenda de plástico, esperando que um avião da companhia aparecesse com munição e mantimentos. Chico Luís pula de alegria quando o Cessna 180 aparece, vôo razante. O piloto é um japonês chamado Tanaka. Nas primeiras páginas do processo ele aparece como "um judeu", parece, "chamado Deodato". Tanaka Lombardi Kato é seu nome todo. Depois das peripécias deste processo, nunca mais voará, por falta de licença da Aeronáutica. Mas saiu facilmente dos problemas maiores, argumentando que jogou muitos sacos no mato naquele dia, mas que não sabia que havia munição; pensava que era só feijão, arroz, enlatados. Hoje em dia, quando um amigo quer brincar com ele, simula que está lançando uma granada.

O boliviano lê um bilhete do Amorim, por ordem de Chico Luís. Logo em frente há um rio. No rio, estão os índios e...

"... Este é um doloroso episódio, um episódio inconcebível" (dirá o advogado de defesa); "... Nunca assistimos a uma história com tanta violência, com tanta falta de amor, em que a vida humana vale tão pouco" (falará o promotor Maranhão Aires); "E uma história que envergonha toda a nação" (discursará o senador Eurico Rezende).

Agora, os criminosos aproximam-se do lugar em que um grupo de cintas-largas está acampado. Estão bem armados os seringueiros; podiam até pegar um bando de jagunços que a briga seria parelha. Mas os índios só tem algumas flechas. E estão desprevenidos. Lá vão nas mãos dos seringueiros, metralhadora, seis pentes de bala de trinta tiros cada, facão do mato bem grande, cinco revólveres, mais caixas de bala, facões do mato, uma carabina (nas mãos do Ramiro) e um mosquetão. Caminharam dois dias e divisaram uma fumacinha. Começaram então a caminhar com cautelas. ("índios é bicho perigoso"). E ficaram na tocaia, vendo os índios fazerem uma choça No processo se diz que eles ficaram alguns momentos de tocaia, toco de cigarro passando de boca em boca.



O velho Ramiro diz que não matou, que atirou para cima.

— Atira no capitão, Ataíde. Os outros são meus — murmura Chico Luís.

— Que capitão, Chico?

— Aquele ali na pedra.

— Certo.

E o capitão se vai. Logo, começa a metralha.

("O grande criminoso" — fala o advogado da defesa — "é o Chico Luís. Foi ele que coagiu os outros. Mas, mais criminoso ainda do que ele é o Francisco Amorim. O que seria dos homens se liquidassem o Chico Luís?, se desrespeitassem o Chico Luís e não atirassem nos índios? Eles iam voltar para o barracão da companhia e ter pela frente o Amorim. O Amorim liquidava todos, todos; por isso eu digo que eles foram coagidos, que o Ramiro Costa estava ali por coação.")

— Quem morreu, morreu: quem não morreu correu tudo — dirá o Ataíde.

Um oficial do Exército que interrogou Ataíde gritará irritado:.

— Onde se viu metralhadora na mão de jagunço?

Atravessaram o rio a nado, as armas na mão, sobre a cabeça. Três índios desaparecem na mata. Cinco ficam caídos. Um menino chora perto da mãe assustada. A questão do número de índios mortos será usada pela defesa para tentar provar que o procésso é frágil. O senador Eurico Rezende fala:

— O número de mortos não é importante para configurar a culpa de uma chacina. Todos eram condôminos na matança.

O menino índio chora abraçado à mãe. A mulher está olhando para o chão. E nem vê que as armas estão apontadas para ela.

— Chico, esta mulher a gente leva para os padres.

— Padre não, para o Ataíde. Se padre quiser índio, que venha buscar no mato.

— Chico, não pensa judiaria. Esta mulher é nova e bonita, a gente leva ela para o Amorim.

— O Amorim se quiser mulher vem buscar no mato.

Chico...

— Quem quiser mulher que se arrisque.

Ramiro pega numa perna, Ataíde pega na outra. O advogado de defesa diz que Ramiro faz isso coagido. A índia, pendurada de cabeça para baixo; Chico Luís tem um facão Collins muito bem amolado na mão.

— É malvadeza, Chico, é loucura.

— Quieto.

Ataíde contou que abriram a índia como quem abre um porco.

— E preciso ter a imagem desta índia na nossa cabeça, discursa o senador. Pensem na índia de cabeça para baixo e do facão entrando nela. Assim ficou a sociedade de Cuiabá, de cabeça para baixo, Esses homens foram culpados não só pela ação, como pela omissão, pois tiveram muitos dias e muitas noites para evitar o crime.

Francisco Amorim morrera tempos depois, numa revolta no seringal do Junqueira Chico Luís, hábil no manejo do facão Collins morreria afogado (era um grande nadador). Ataíde aparecerá no dia 28 de fevereiro de 1966 na inspetoria do Serviço de Proteção ao Indio, em Cuiabá, atual Funai, falando de um massacre na selva. Segundo os papéis oficiais, ele decidiu falar porque "caminhou 58 dias pela selva e não lhe pagaram os 50 contos prometidos". Um câncer impedirá seu julgamento. E só o velho Ramiro será julgado, após sete anos na cadeia de Cuiabá, enquadrado no artigo 121, parágrafo II...

"Matar alguém por motivo fútil..."

E parágrafo 4ª:

"A traição"...

...Agravado pelo artigo 44:

..."Ter cometido crime contra criança".

O velho Ramiro disse que não matou ninguém, que atirou para cima. O advogado de defesa repetirá isso sem resultados. "Num crime coletivo como este" — responderá o senador — "todos são igualmente responsáveis.

Dez anos de cadeia pegará, agora, Ramiro Costa. "É uma pena justa" — diz o senador — "porque ele já é prisioneiro da doença (é cardíaco) e da idade. Nessa circunstância, a pena é adequada". O velho Ramiro olhava para o chão e dizia: "Pagar por um crime que não pratiquei, depois de toda a vida miserável que vivi". Um grupo de estudantes de Direito, desses que sempre aparecem nos juris "espetaculares", discutia a pena com o advogado Jose Corbelino, da Funai, que dizia: "E provável um adiamento da denúncia, diante das declarações do réu. Afinal, hoje ele confirmou em juri que a firma Arruda e Junqueira teve uma participação direta na expedição que levou ao massacre. Se os donos da firma não estão sendo julgados, não é culpa da justiça ou do governo, mas porque Ramiro não tinha falado tão diretamente no assunto".

Ramiro estava com medo de acusar os donos da firma. Só falou depois que pediu garantias de vida ao juiz Amílcar Silva.

— O senhor pode falar, eu lhe dou as garantias.

— Os culpados de tudo são os donos da Companhia.

— Sim, é isso — falava o padre Iasi. Por trás do Chico Luís está o Amorim Brito; por trás do Amorim Brito, a firma Junqueira e por trás de tudo, uma concepção de desenvolvimento que não leva em conta a pessoa do índio. Não digo que o Ramiro seja inocente, mas ele também é vítima de um processo desumano. Os verdadeiros mandantes devem pagar pelo crime.